



De olho nos ricos Edição 341 - Nov/04

Marcelo Medeiros é um integrante da nova geração de pesquisadores da desigualdade que tem causado inquietação nos meios acadêmicos - e fora deles. Enquanto a maioria olha para um lado, Medeiros mira no outro. Foi o que aconteceu com sua tese de doutorado, quando falou de desigualdade não a partir dos pobres, mas de quem tem de ceder riqueza num processo de redistribuição da renda. Ou seja, os ricos. Ele cansou de ouvir que seu trabalho "era uma bobagem que não servia para nada". Em cada platéia, sempre havia mais de um que se levantava clamando: "Eu não sou rico". No mês passado, sua pesquisa foi contemplada com o prêmio de melhor tese do Brasil pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs).

Economista, Medeiros odeia economês e foge dos jargões. Sociólogo, ao viajar pelo mundo a serviço do Centro Internacional de Pobreza da ONU, logo que as reuniões terminam se enfia em algum ônibus aleatório que o leva ao interior do país. É assim que "se expõe ao mundo real", conversa com todo tipo de gente e tem as sacadas que já começam a torná-lo famoso. Quando não está trabalhando, é um competente adestrador dos poodles Pingo e Bin. Adora ler diferentes espécies de livros e ultimamente anda derramando algumas lágrimas com a série de quadrinhos japoneses *Gen*, um clássico sobre a bomba de Hiroshima. Também é louco por animação e fica eufórico ao falar do peixinho Nemo: "Genial, brilhante..." Em Brasília, deu a seguinte entrevista a ÉPOCA.

MARCELO MEDEIROS

■ Vida pessoal

35 anos completados neste domingo, casado, dois cachorros, nasceu no Rio, mas vive em Brasília

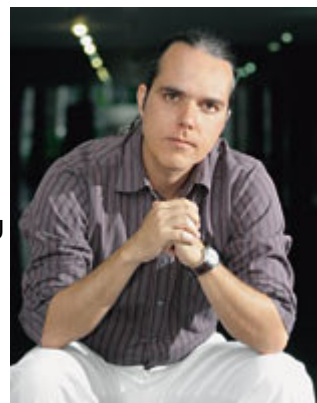
■ Formação

Economista com doutorado em Ciências Sociais pela UnB, coordenador do Centro Internacional de Pobreza da ONU no Ipea

■ Prêmio

Melhor tese de doutorado da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs)

Fotos: Glaucio Dettmar/ÉPOCA



ÉPOCA - A grande sacada de sua tese foi inverter o foco e estudar os ricos para discutir desigualdade. Parece óbvio, mas nunca tinha sido feito. Como teve a idéia?

Marcelo Medeiros - A idéia básica é o seguinte: o grande problema do Brasil é a desigualdade. Para reduzi-la é preciso redistribuir a renda. A questão era que conhecíamos bem o grupo que vai receber os recursos, mas conhecíamos pouco o grupo que vai ceder os recursos. Se a gente quer de fato reduzir a desigualdade, vamos ter de chegar ao grupo dos mais ricos. Não se trata de deixá-los sem renda nenhuma, não vamos ter de fazer uma expropriação de todas as riquezas, mas eles vão ter de ceder recursos. É indiscutível isso.

ÉPOCA - É difícil estudar os ricos?

Medeiros - Tive de enfrentar uma série de problemas metodológicos para chegar até eles. Eu precisava de uma definição de ricos. Optei por criar uma linha de riqueza. Mas, se existe controvérsia para a linha de pobreza, ela é muito maior numa linha de riqueza. As pessoas têm dificuldade para aceitar o que é uma pessoa rica. Então tive de usar princípios muito sólidos e uma idéia muito simples. Criei uma linha de riqueza definida a partir dos pobres e da desigualdade. Nunca tive a pretensão de dar uma resposta definitiva. Queria dar o primeiro passo. Hoje, a linha da riqueza estaria em torno de R\$ 3.500 *per capita*. Em uma família de quatro pessoas, estaríamos falando de uma renda de cerca de R\$ 14 mil. Esses podem não ser "os ricos", mas são "os mais ricos", o 1% da população que detém 11% da renda. São o grupo prioritário para ceder recursos.

ÉPOCA - Sempre que você apresentava o trabalho, havia protestos. Se, por princípio, numa sociedade capitalista a maioria quer ser rica, por que eles não querem ser reconhecidos como ricos?

Medeiros - As pessoas sempre reagem diante da definição de rico. Pesquisas realizadas em outros países mostram que, quando é pedido que as pessoas se classifiquem entre pobres, classe média e ricos, elas tendem a se classificar no meio. Os pobres como classe média e os ricos também. O que fazem é usar eufemismos para justificar sua posição. Os pobres dizem que são da classe média baixa, os ricos da classe média alta.

ÉPOCA - O que está por trás disso?

Medeiros - Não querer se entender como elite numa sociedade desigual. Só há duas escolhas: ou você aceita a desigualdade, ou aceita que é elite e tem a responsabilidade de reduzir a desigualdade, o que vai implicar algum tipo de perda. Falar de riqueza implica falar de redistribuição e implica reduzir privilégios, reduzir vantagens de quem está no poder. A reação de quem vai perder é imediata.

ÉPOCA - Você desmonta vários mitos sobre a origem da riqueza...

Medeiros - Eu senti que o debate sobre redistribuição de renda no Brasil enfrentaria uma discussão de caráter moral antes de enfrentar uma discussão de caráter técnico. As pessoas vão dizer que são ricas por merecimento: "Eu mereço porque trabalhei muito, porque estudei, porque me esforço etc." O que eu faço é testar essas grandes explicações. Constatado, por exemplo, que os pobres trabalham tanto ou mais que os ricos. Provo do ponto de vista quantitativo, com dados do IBGE, que contemplam todos os trabalhadores brasileiros, inclusive os informais. Depois testo se são ricos porque botam mais pessoas no mercado de trabalho, se é porque recebem mais aposentadorias e pensões, se é porque têm mais educação etc. Testo cada uma dessas grandes justificativas e provo que elas não explicam a riqueza.

"A fantasia de que são pobres porque têm muitos filhos transfere a responsabilidade da pobreza para os pobres. Mesmo que sua família seja menor, isso não explica por que sua renda é 27 vezes maior"

ÉPOCA - O que explica, então?

Medeiros - Os resultados do trabalho não permitem dizer por que os ricos são ricos. Permitem derrubar uma série de explicações clássicas sobre por que os ricos são ricos. É possível especular. Uma possibilidade forte é o fato de terem educação de elite e conseguirem ocupar os melhores postos de trabalho. Mas seguramente não é só isso. Eles têm uma boa rede de relações, o que permite o acesso aos melhores postos de trabalho, começar a carreira numa posição mais elevada. Receberam uma série de heranças, não só financeira. Existe um fenômeno de reprodução das elites ao longo das gerações. Comparado com os padrões de mobilidade social em vários países do mundo, o brasileiro não é alto. É muito difícil que alguém que não é rico se torne rico no Brasil.

ÉPOCA - Qual é a importância política de jogar o foco sobre os ricos?

Medeiros - A discussão da desigualdade no Brasil sempre foi muito calcada na idéia de que você vai reduzir desigualdade via educação. Esse é o primeiro ponto forte. O

segundo é que você não tem de dar o peixe, mas ensinar a pescar. Mas há duas questões que precisamos entender. Educação é crucial para a sociedade brasileira, mas o impacto da educação sobre a desigualdade vai demorar décadas para ser sentido porque é investimento de longo prazo. Mesmo que a gente eduque as crianças num sistema educacional perfeito, leva décadas até que essas crianças bem educadas sejam maioria no mercado de trabalho. E a gente tem um problema de curto prazo para resolver. Política de assistência é crucial para o combate da pobreza no curto e médio prazo. As pessoas precisam entender que por dez, 20 anos vai ser fundamental dar o peixe enquanto se ensina a pescar.

ÉPOCA - Nesse sentido, seu trabalho quebrou fantasias bem arraigadas no senso comum e mesmo na academia...

Medeiros - Mais do senso comum que da academia. Existiam algumas fantasias no Brasil sobre o que vai acabar com a pobreza e reduzir a desigualdade. Uma delas é que as mulheres são pobres porque têm muitos filhos. Só 3% das famílias brasileiras têm mais que três filhos com menos de 10 anos, sinal de que as pessoas já têm poucos filhos, não é preciso aumentar o controle da população. Bate-se muito nessa tecla porque isso transfere para os pobres o problema da pobreza. São pobres porque tiveram muitos filhos. É confortável acreditar nisso. Por outro lado, você pode justificar que é rico porque foi responsável e teve poucos filhos. Então eu vou e testo. O que aconteceria se os ricos tivessem mais filhos e os pobres menos filhos? E a resposta é evidente. O tamanho das famílias dos ricos é bem próximo ao da massa das famílias brasileiras. O fato de sua família ser metade da família do outro não explica por que você tem uma renda 27 vezes maior.

ÉPOCA - Uma tese que retorna de tempos em tempos, inclusive em setores do governo Lula, é a de que o bolo precisa crescer para ser redistribuído. Em sua pesquisa você diz que nem repetir o Milagre Econômico seria suficiente para reduzir a desigualdade...

Medeiros - Nos anos 80, Celso Furtado já dizia que o problema do Brasil não é falta de recursos, é distributivo. Estudos já mostraram que a renda cresce e não é redistribuída. No entanto, algumas pessoas ainda insistem que a grande solução para a pobreza no Brasil é crescimento. Também é confortável resolver o problema da pobreza via crescimento porque é uma situação em que todo o mundo ganha e ninguém perde. A aritmética é simples para entender que isso é insuficiente. Pelo menos 15% da população ganha menos da metade do valor da linha da pobreza. Para essas pessoas alcançarem a linha de pobreza é preciso dobrar a renda delas. Mesmo que a gente reproduzisse o Milagre Econômico ainda existiriam os 15% da população que não conseguiram ultrapassar a pobreza. E a palavra "milagre" já diz que não dá para fazer de novo. Se um milagre não seria suficiente, quanto mais um crescimento realista. Crescimento é bom para o Brasil, mas é insuficiente para reduzir desigualdade. Se controlar a população não adianta nada, se crescimento é bom mas insuficiente, só restou uma alternativa, que é a redistribuição de renda.

ÉPOCA - Como essa não é uma idéia muito popular na prática, embora todo o mundo ache superbacana reduzir desigualdade, como convencer os mais ricos a ceder riqueza numa democracia? Principalmente se levarmos em conta que as elites econômicas também são as elites políticas.

Medeiros - Não sei se é uma questão de convencer a elite de que ela tem de dar um pedaço do que ela tem, mas temos de lembrar que já temos medidas de redistribuição de renda no Brasil, como o Imposto de Renda. A estrutura tributária tem de acompanhar o desenvolvimento geral da sociedade. É óbvio que para ter redistribuição vamos ter de mexer em recursos que estão sendo empregados no sistema financeiro. A estrutura tributária é injusta, carrega sobre o consumo, o sistema industrial e os trabalhadores e é quase nula sobre o sistema financeiro. Se eu tivesse escolha entre tributar quem gera emprego e quem não gera, iria tributar quem não gera. Esse é um passo crucial para a redistribuição de renda. Há uma parte gigantesca dos recursos do Estado que é gasta com operações financeiras. Menos de um terço dos gastos do governo federal é com atividades sociais. Dois terços são gastos com atividades financeiras. Esse é um sintoma claro de que prioridades estão sendo dadas para algumas coisas.

ÉPOCA - Quanto disso é juros?

Medeiros - Estou estudando isso agora. A maior parte do que o governo gasta é com juros e amortização da dívida. É óbvio que ninguém está propondo um calote na dívida, mas a pergunta que precisamos colocar é o que nós somos capazes de fazer com 1% desses gastos. Estudos do Ipea mostraram que em 2002 o governo federal gastou só em juros e amortização da dívida quase 30 vezes o que gastou com o Bolsa-Escola. Apenas 3% das despesas financeiras somavam mais que o gasto total com assistência. Qual é a margem de manobra dentro disso? E se apartássemos 1% ou 2% disso, o que poderíamos fazer? Manter a estabilização é positivo, mas temos de olhar o custo. Essa rigidez no orçamento não é absoluta, é resultado de escolhas que poderiam ser feitas de outra maneira. Uma vez um amigo meu fez uma provocação. A pergunta dele era quantas crianças vacinadas valem 1% da dívida? Se a gente trocasse a mensuração de bilhões de reais por crianças vacinadas ou por redução da mortalidade infantil, iríamos pensar de maneira radicalmente diferente sobre como conduzir políticas.



"Menos de um terço dos gastos do governo é com atividades sociais. Dois terços são gastos com atividades financeiras"

ÉPOCA - Em que medida a experiência das cotas para negros contribui para a redução da desigualdade?

Medeiros - Durante anos se afirmou que o Brasil vivia uma democracia racial, sendo que os negros viviam radicalmente pior que os brancos. As cotas são um sinal de reconhecimento público de que a desigualdade racial existe. Não vão resolver o problema do acesso da população negra ao ensino superior. Para isso precisaríamos de uma expansão maciça, e não apenas abrir algumas vagas. As cotas são importantes para aumentar o tamanho da elite negra, que vai mostrar tanto a viabilidade da ascensão social dos negros como defender os interesses dos negros. É um passo na construção de uma solução mais ampla.

ÉPOCA - Sua equipe estuda a relação entre feminilização da pobreza e tempo. Por que um Centro Internacional de Pobreza se dedica ao tempo?

Medeiros - Não me preocupo com a pobreza porque quero que as pessoas consumam mais, mas para que vivam melhor. Ter tempo faz parte de viver bem. Essa dimensão ainda pouco explorada pode ser chamada de pobreza de tempo. Olhar para a renda é olhar para o que acontece no mundo masculino. Claro que também é o mundo das mulheres, mas é na dimensão doméstica que existe uma desigualdade gigantesca, omitida porque não faz parte do mundo masculino. Os homens não assumem boa parte das tarefas domésticas. As mulheres têm menos tempo para lazer, auto-instrução, descanso. No mundo do tempo vamos encontrar desigualdades explícitas entre mulheres e homens, talvez maiores que aquelas que encontramos no mundo do trabalho.

[⏪ Voltar](#)

[▶ Imprimir](#)

Copyright © 2002 - Editora Globo S.A. - Termos legais

É proibida a reprodução do conteúdo desta página em qualquer meio de comunicação, eletrônico ou impresso, sem autorização escrita da Editora Globo S.A.